

NÓS SOMOS O POVO! AS MANIFESTAÇÕES POPULISTAS DO PEGIDA NO CENÁRIO DA ALEMANHA CONTEMPORÂNEA

WE ARE THE PEOPLE! THE POPULIST MANIFESTATIONS OF PEGIDA IN THE CONTEMPORARY GERMANY SCENARIO

Luciana Garcia de Oliveira¹

¹Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, SP, Brasil. E-mail: luciana.garcia83@gmail.com

ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-5263-0619>

Recebido em: 15/05/2022 | Aceito em: 29/11/2022.



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0



Revista Neiba, Cadernos Argentina-Brasil, Rio de Janeiro, Vol. 11, 2022

Luciana Garcia de Oliveira

DOI: 10.12957/neiba.2022.67260 | e67260 | ISSN: 2317-3459

RESUMO

O impacto social gerado pela entrada de milhares de refugiados da guerra da Síria (2014-2016) causou uma série de reações xenófobas e Islamofóbicas na Alemanha. Entre as manifestações mais hostis, é destacada a formação do movimento PEGIDA, em 2014, na cidade de Dresden. A intensificação das manifestações populistas no lado oriental da Alemanha não ocorre à toa. Uma pesquisa teórica sobre o passado da Alemanha oriental traz à tona uma história marcada pela resistência social frente ao domínio soviético e ante a discriminação da população oriental, associada ao atraso e à miséria, pós reunificação, em 1990. O ressentimento, herdado por um desenvolvimento desigual entre as duas regiões da Alemanha é, provavelmente, a razão pela qual as lideranças do PEGIDA manipulam *slogans* de manifestações do passado, a fim de intensificarem o repúdio a presença muçulmana no presente. Mas, o que os muçulmanos têm a ver com isso? Para o PEGIDA, os refugiados muçulmanos simbolizam uma ameaça à identidade ocidental, democrática e cristã da Europa. A fim de amenizar o contexto hostil, gerado durante o período denominado de “crise dos refugiados”, foram fomentadas políticas públicas para a integração econômica, cultural e social de milhares de refugiados acolhidos na Alemanha nos últimos anos. Os esforços políticos pela integração estrangeira tendem a, basicamente, tornar a Alemanha mais multicultural e menos intolerante.

Palavras-chave: Populismo, Islamofobia e PEGIDA.

ABSTRACT

The social impact generated by the entry of thousands of refugees from the Syrian war (2014-2016) caused lots of xenophobic and Islamophobic reactions in Germany. Among the most hostile demonstrations, is highlighted the formation of the PEGIDA movement, in 2014, in the city of Dresden. The intensification of populist manifestations in the eastern side of Germany does not happen for nothing. A theoretical research on the past of East Germany brings to light a history marked by social resistance against Soviet rule and the discrimination against the eastern population, associated with backwardness and misery, after the reunification, in 1990. The resentment, inherited by an uneven development between the two parts of Germany, is probably the reason why PEGIDA leaders manipulate slogans from past demonstrations in order to intensify their repudiation to the Muslim presence in the present. But what do Muslims have to do with it?



For PEGIDA, Muslim refugees symbolize a threat to Europe's western, democratic and Christian identity. In order to soften the hostile context, generated during the period known as the “refugee crisis”, public policies were promoted for the economic, cultural and social integration of thousands of refugees welcomed in Germany in recent years. The political efforts for foreign integration basically tend to make Germany more multicultural and less intolerant.

Keywords: Populism, Islamophobia and PEGIDA.



Nós somos o povo!² As manifestações populistas do PEGIDA no cenário da Alemanha contemporânea



Figura 1 – Logo oficial do movimento PEGIDA. Imagem extraída do site wikimedia, disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:PEGIDA_LOGO.svg.

INTRODUÇÃO

PEGIDA é uma abreviação da expressão, em alemão, “*Patriotische Europäer Gegen Islamisierung des Abendlandes*” (Patriotas Europeus contra a Islamização do Ocidente). Esse movimento político nasceu, originalmente, na cidade de Dresden, situado no lado oriental da Alemanha, em outubro de 2014.

Inicialmente, o PEGIDA, contava com cerca de 20 integrantes e simpatizantes. A maioria dos militantes não tinham experiência política, porém, eram fortemente influenciados pelo governo de centro direita, representado pelo partido União Democrata-Cristã (CDU), que governa a parte oriental da Alemanha desde a década de 1990. De um modo geral, o movimento e seus apoiadores reivindicam a proteção da identidade, cultura e tradições alemãs contra uma suposta ameaça propagada pela entrada de grupos estrangeiros à Alemanha, imigrantes e refugiados, notadamente os muçulmanos, considerados por eles, protegidos por algumas lideranças e partidos políticos de esquerda da Alemanha.

² “*Wir sind das Volk!*”, Nós somos o povo! Era um *slogan* que os manifestantes costumavam gritar durante os protestos às segundas-feiras, que ocorriam no lado oriental da Alemanha, durante a Revolução Pacifista de 1989. Esse mesmo *slogan* é utilizado nas manifestações do PEGIDA, que ocorrem, atualmente, nos mesmos locais do passado.



Em virtude da entrada massiva de refugiados na Europa que fugiam da guerra civil da Síria (2011-2019), a mobilização do PEGIDA tornou-se gradualmente mais incisiva. Em meados de 2015, ano considerado como o auge do movimento, o PEGIDA conseguiu atrair milhares de apoiadores à causa em Dresden e em outras cidades alemãs. De acordo com o professor da Universidade Nacional de *Seoul*, Jörg Michael Dostal (2015), “o número de participantes nas manifestações semanais em Dresden (realizadas todas as segundas-feiras para copiar a tradição das mobilizações de massa que derrubaram o estado da Alemanha Oriental, o GUR³, em 1989) aumentou de 350 em 20 de outubro de 2014 (o dia da primeira manifestação) para 25.000 em 12 de janeiro de 2015, quando o movimento atingiu o seu pico” (*tradução livre da autora*) (p. 524).

O período conhecido como “crise dos refugiados” na Europa (2015-2016), aliado à incidência de alguns ataques terroristas, como os ataques na sala de espetáculo *Bataclan* e nos arredores do estádio nacional em Paris em 2015, o ataque à uma estação de metrô e no aeroporto de Bruxelas, em 2016 e, em um mercado de Natal em Berlim no mesmo ano, impulsionaram o fortalecimento de um movimento político anti-muçulmano e Islamofóbico por toda a Europa, manifestado nas ruas e, sobretudo, nas redes sociais. Nessa ocasião muitos protestos de rua ocorriam contra a política migratória, adotada pela União Europeia (UE) considerado pelos manifestantes do PEGIDA, como altamente permissiva. As manifestações nas redes sociais, entretanto, tornaram-se mais agressivas, quando comparada às manifestações de rua. Nas páginas do PEGIDA do *Facebook* há uma infinidade de expressões racistas e incitação à violência. Além da radicalização, as redes sociais propiciaram uma amplificação de muitas redes de ódio contra as comunidades muçulmanas e contra o Islã no ocidente.

Assim que a página do PEGIDA foi criada no *Facebook*, outras variáveis do PEGIDA foram inauguradas em outros países para além da Alemanha. Em meados de 2015 já existiam páginas do PEGIDA dos Estados Unidos, Canadá, República Tcheca, Noruega, Dinamarca, Bélgica, Suíça e Áustria. O alcance transnacional do PEGIDA levou alguns chefes de Estado a se manifestarem publicamente contra a ascensão de movimentos populistas e supremacistas no ocidente. A então primeira-ministra da Alemanha, Angela Merkel, chegou a classificar os seguidores do PEGIDA

³ GRU é uma abreviação da expressão russa *Glavnoye Razvedyvatel'noye Upravleniye* que significa Estado-Maior das Forças Armadas da Rússia.



como, “pessoas com ódio em seus corações e apelou aos cidadãos alemães para não se juntarem ao movimento (*tradução livre da autora*) (Dostal, 2015, p. 148).

Conforme observado, todas as manifestações do PEGIDA, sejam *online* ou *offline*, adotavam como reivindicação principal o impedimento à entrada de imigrantes e de refugiados muçulmanos na Alemanha em particular e, na Europa, de um modo geral. As manifestações foram estendidas a aqueles que apoiavam as políticas migratórias na Europa, como os partidos políticos e os grupos de esquerda, além do próprio governo alemão, simbolizado pela figura de Angela Merkel. A maior parte dos manifestantes do PEGIDA reclamavam que as políticas de asilo, em larga escala, acarretavam em um aumento exorbitante do custo de vida e, invariavelmente, na possibilidade de uma progressiva perda da identidade e da cultura ocidental, democrática e cristã da Europa. O líder fundador do movimento PEGIDA, Lutz Bachmann, frequentemente incitava os manifestantes ao ódio. Em suas redes sociais Bachmann chamou os imigrantes de “lixo, gado e escória” (*tradução livre da autora*). E, em decorrência de seu comportamento nocivo na *internet*, Bachmann foi, inclusive, condenado na justiça ao pagamento de uma pena de multa.

O sucesso da mobilização do PEGIDA se deve, acima de tudo, ao terror propagado por forças políticas e por alguns meios de comunicação, em vistas da imigração em larga escala. Algumas lideranças políticas e canais televisivos reafirmavam frequentemente acerca da possibilidade de a entrada massiva de imigrantes muçulmanos gerar um gradual enfraquecimento do *status* social e político da população originalmente alemã. Assim, a possibilidade de “Islamização” da sociedade alemã tornou-se uma ameaça real à medida que houve, de fato, um aumento importante da presença de refugiados muçulmanos sírios na Alemanha.

Na ocasião do auge da mobilização do PEGIDA, em meados de 2015, Lutz Bachmann, afirmou, em uma entrevista, que a fundação do PEGIDA ocorreu em resposta à uma mobilização de imigrantes curdos, apoiadores do partido trabalhista curdo, o *Kurdish Workers Party* (PKK), no centro de Dresden, em solidariedade aos cidadãos da cidade síria de *Kobane*, então atacados pelo grupo terrorista DAESH. Segundo Bachmann, as mobilizações políticas feitas por estrangeiros e voltadas às causas estrangeiras poderiam gerar um forte precedente para a instauração de uma “guerra religiosa” nas ruas da Alemanha (Dostal, 2015, p. 524).





Figura 2 – Lutz Bachmann em uma manifestação do PEGIDA em Dresden em março de 2015. Imagem extraída do site Wikimedia, disponível em:

https://commons.wikimedia.org/wiki/File:PEGIDA_Demonstration_Dresden_2015-03-23_16927681872_b2d5547556_o.jpg.

Em reação as manifestações curdas na Alemanha, Lutz Bachmann, juntamente à um grupo de amigos, sócios de um clube de futebol, decidiu criar uma página do PEGIDA no *Facebook*, no intuito de atrair apoiadores e simpatizantes para a sua causa em outras localidades da Alemanha e, sobretudo, em outros países da Europa. Na descrição da página do PEGIDA no *Facebook* é ressaltada a defesa da tradição judaico-cristã do ocidente, um maior controle da política migratória e, a expulsão imediata de estrangeiros, cujo requerimento de asilo e\ou refúgio tenha sido negado pelas autoridades do Estado da Alemanha. A princípio, as críticas voltadas especificamente ao Islã e aos muçulmanos foram evitadas.

Contudo e, de modo controverso, durante as tradicionais manifestações às segundas-feiras, em Dresden, o tom das reivindicações eram bem diferentes, muito mais amplificadas. Eram nessas ocasiões que os manifestantes gritavam contra a política imigratória adotada e defendida pela primeira ministra da Alemanha, Angela Merkel, sobretudo em relação à entrada massiva de refugiados muçulmanos do Oriente Médio e do Norte da África. E, em virtude da guerra da Ucrânia, em curso em 2014, muitos manifestantes expressavam repúdio pela cobertura midiática alemã em apoio à Ucrânia e contra a Rússia. Alguns deles, de modo irreverente, apresentavam cartazes com os dizeres: “Putin nos ajude!” (*tradução livre da autora*) (Dostal, 2015, p. 525).



A diminuição gradual pela procura por refúgio e asilo político na Alemanha foi acompanhada por uma certa estagnação do movimento PEGIDA. Contudo, a fim de manter a força da mobilização contra a suposta “Islamização” da Alemanha e da Europa, Lutz Bachmann, soube explorar alguns acontecimentos violentos recentes ocorridos dentro da Europa. Os atentados à sede da revista *Charlie Hebdo*, em Paris (2015) ajudou a manter o movimento político do PEGIDA em evidência na Alemanha por muito mais tempo.

Aliados aos acontecimentos trágicos, algumas medidas foram tomadas a fim de atrair, cada vez mais, o público alemão nas tradicionais manifestações de segundas-feiras. Algumas lideranças do PEGIDA decidiram inovar ao convidar personalidades ilustres da extrema-direita populista europeia para os comícios e as manifestações de ruas, como o holandês, Geert Wilders, e a então candidata do partido Alternativa para a Alemanha (AfD), Tatjana Festerling.

Esse artigo tem por finalidade analisar as razões para a fundação do PEGIDA, na cidade de Dresden, situada na Alemanha Oriental. Para isso, foi realizado uma pesquisa teórica acerca da história da Alemanha Oriental, desde o domínio soviético da região até o processo de reunificação, em 1990. A resistência frente ao domínio soviético e o atraso econômico, social e tecnológico das cidades situadas do lado oriental da Alemanha propiciou o empobrecimento e, consequentemente, a discriminação da população oriental por parte de uma elite ocidental. O ressentimento pelas heranças do passado é refletido nas manifestações populistas contra a presença estrangeira e, principalmente muçulmana, no presente.

Para tanto e, do mesmo modo, foi necessário realizar um estudo sobre a definição de populismo, mais precisamente, na Europa contemporânea. Na Alemanha, é observado que as manifestações de grupos populistas, como o PEGIDA, contêm um forte teor islamofóbico, em decorrência à resistência à presença de refugiados muçulmanos e de símbolos do Islã em solo europeu, vistos como uma ameaça maior à identidade ocidental, democrática e cristã da Europa.

A análise acerca da dimensão da ascensão do PEGIDA na esfera pública da Alemanha, nas manifestações de rua e nas redes sociais, foi possível através de pesquisas, na forma de consultas ao perfil *PEGIDA – Dresden* do *Facebook*. Nessa medida, a observação de redes sociais (ou da expressão em inglês, *Social Network*), enquanto metodologia propícia nas áreas de psicologia



social, sociologia e antropologia, permitiu uma reflexão mais apurada acerca dos sujeitos sociais (de indivíduos e da própria organização) conectados por afinidades políticas e ideológicas. As consultas à página oficial *PEGIDA – Dresden*, da rede *Facebook*, permitiu uma leitura crítica dos discursos inseridos nos comentários de notícias compartilhadas, e nas convocações de encontros e manifestações públicas, entre os anos de 2015 e 2016.

Por fim, as medidas políticas providenciadas, em vistas à integração de milhares de imigrantes e refugiados acolhidos recentemente na Alemanha, foram, basicamente, extraídas do relatório do *Integration Strategy Group* (2016) e de alguns veículos de imprensa, como a *Deutsche Welle – DW*. As associações civis, a academia e a imprensa acompanharam os reflexos da chamada “crise dos refugiados” na Alemanha, desde a entrada massiva de milhares de refugiados sírios, até a aprovação de políticas públicas para a integração de adultos e crianças refugiadas. Tais medidas têm por objetivo primordial tornar a Alemanha ainda mais atrativa aos trabalhadores estrangeiros e, portanto, mais multicultural e democrática.

Espera-se que as políticas de integração econômica, cultural e social aproximem pessoas de origens diversas, de modo a afastar estereótipos negativos, por uma coexistência pacífica que seja capaz de enfraquecer os partidos políticos e os grupos populistas de extrema-direita como o PEGIDA, entre outros.



Figura 3 – Foto de uma das manifestações do PEGIDA em Dresden, no cartaz escrito em alemão diz “Contra o fanatismo religioso e qualquer tipo de radicalismo juntos sem violência”. Imagem extraída do site Wikimédia, disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:PEGIDA_DEMO_DRESDEN_5_JAN_2015_16084218069.jpg.



1. A ASCENSÃO POPULISTA NO OCIDENTE

Algumas mudanças extremas no cenário político do ocidente nas últimas décadas chamou a atenção dos meios de comunicação, de analistas políticos e de muitos grupos da sociedade civil ocidental. Em meados de 2016, na mesma ocasião das manifestações do PEGIDA na Alemanha, uma série de acontecimentos já alertava para o início de um ciclo populista no ocidente. A enorme aderência em prol do movimento pela saída do Reino Unido da União Europeia, conhecido como BREXIT; a vitória do candidato de extrema-direita, Donald Trump, nas eleições para a presidência dos Estados Unidos e, a emergência de partidos políticos e de grupos supremacistas na Europa têm em comum a rejeição à globalização, aos tratados comerciais e à imigração.

Esse fenômeno, conhecido como populismo, intensificou as reivindicações em defesa de políticas identitárias e de pautas nativistas.

Contudo, a noção de políticas identitárias não podem ser consideradas as mesmas em todas as nações ocidentais. De acordo com o professor da New York University, em Abu Dhabi, Abdul Noury e do professor do Departamento de Economia da Universidade da Califórnia, Berkeley, Gerard Roland (2020), enquanto na América o termo política identitária serve para descrever o ativismo das chamadas minorias político-sociais por políticas de inclusão social, na Europa o termo se refere aos movimentos separatistas ou aos movimentos exclusivistas (p. 423).

O populismo é considerado um conceito em disputa, por isso sua definição nem sempre é clara e precisa. As manifestações populistas requerem um estilo de comunicação, projeto e estratégia políticas próprias. Apesar da complexidade, o populismo é definido por alguns estudiosos, entre eles, Noury (2020), Roland (2020), Brubaker (2017), Kriesi (2018) e Mudde (2007), como uma ideologia capaz de considerar um grupo social, ou mesmo toda uma sociedade, como homogênea e apartada de grupos antagônicos. Os conceitos mais “importantes no discurso do populismo de direita são a nação (muitas vezes definida em termos étnicos), o povo e a soberania nacional” (tradução livre da autora) (Noury & Roland, 2020: 423). Em muitas ocasiões, é reclamado que as políticas públicas promulgadas pela elite política beneficiam aos interesses estrangeiros, de forma a ignorar os anseios nacionais, “o povo”.

O discurso populista costuma ser binário. Os populistas se apresentam frequentemente do lado oposto aos “outros”; aos estrangeiros, definidos por eles como agentes oportunistas e



parasitas, e de uma “elite corrupta”. Geralmente se auto intitulam como pessoas do bem e trabalhadores.

Os partidos políticos e os movimentos populistas, em sua maioria, surgiram em decorrência da grande recessão de 2008. Entretanto, essas manifestações foram intensificadas muito recentemente, em meados de 2015, em virtude do período denominado como “crise dos refugiados”.

Em alguns países da Europa Oriental e, particularmente, na Alemanha Oriental, conforme será analisado a seguir, os elementos culturais do populismo são ainda mais incisivos quando comparados à parte ocidental. Isso ocorre porque, historicamente, as populações da porção oriental costumam vislumbrar os valores cosmopolitas da União Europeia como uma ameaça à identidade nacional, pela qual lutaram arduamente durante os anos de domínio soviético da região. A reação extremada e hostil diante da política de assentamento de refugiados, entre os anos de 2014 e 2016, é uma expressão da rejeição ao multiculturalismo da Europa, que segundo eles próprios, acarreta crises políticas, econômicas, morais e religiosas.

2. DRESDEN, ALEMANHA ORIENTAL, REUNIFICAÇÃO E RESSENTIMENTO

A cidade de Dresden, epicentro do movimento PEGIDA, é situada na parte oriental da Alemanha. Essa constatação não é, de modo algum, uma simples coincidência. Existe muitos motivos para o renascimento de movimentos ultranacionalistas e xenófobos, nas cidades situadas na antiga Alemanha Oriental, principalmente após um processo de reunificação que acarretou em um aumento da desigualdade social e, conseqüentemente, da discriminação da porção oriental por parte das populações das cidades mais desenvolvidas da Alemanha, situadas do lado ocidental.

Foi durante o período de reunificação da Alemanha, em meados da década de 1990, que se iniciou algumas expressões racistas voltadas aos abrigos de refugiados e asilados na Alemanha. Contudo, nessa ocasião, as mesquitas e os símbolos do Islã ainda não eram alvos de ataques racistas e xenófobos.



Imediatamente após a reunificação da Alemanha, à parte oriental tornou-se um terreno fértil e vulnerável à diversas manifestações racistas e de intolerância, fruto de um crescente sentimento de frustração e de muito ressentimento.

O lado oriental da Alemanha, dominada, por muitos anos, pela República Socialista, sentiu os impactos políticos, econômicos e sociais após viver um longo período de privações coletivas à democracia e à própria nação alemã. O longo período de isolamento e de exclusão social foi seguido por uma repentina “abertura democrática” e por um aumento exponencial da imigração na Alemanha, notadamente em algumas cidades situadas do lado oriental.

A chegada de imigrantes foi acompanhada pelo aumento e pelo fortalecimento de demonstrações racistas e xenófobas pós unificação, culminada pelo ressentimento de uma população isolada e alienada residente de cidades carentes da Alemanha Oriental. De acordo com a professora de Sociologia da Universidade de Sussex, Aleksandra Lewicki (2018), desde o fim da Segunda Guerra Mundial, “os aliados trabalharam, com proposições críticas, na República Federal da Alemanha do pós-guerra para confrontar a sociedade e o seu envolvimento nos crimes nazistas, inclusive por meio de processos criminais, reparações, pesquisas, comemoração pública e educação” (*tradução livre da autora*) (p. 500). Entretanto, porções significativas da população residente do lado oriental da Alemanha interpretaram tais medidas reparativas como uma imposição humilhante dos vencedores da guerra. Uma das medidas socioeducativas impostas no período de pós-guerra foi justamente o asilo obrigatório à imigrantes e refugiados de países menos desenvolvidos.

A política de asilo à imigrantes e refugiados de guerra, no entanto, ocorreu em meio à um processo delicado de recuperação econômica da Alemanha recém unificada e, sobretudo, em algumas localidades ainda muito empobrecidas.

A presença estrangeira não era, de modo algum, novidade na Alemanha ainda dividida. Contudo, a convivência entre a população nativa e os imigrantes, durante a divisão da Alemanha era bastante diferente. Durante a década de 1960, o governo alemão assinou um acordo para subsidiar trabalhadores estrangeiros temporários vindos de alguns países como Grécia, Itália, Turquia, Marrocos e Tunísia, para trabalharem em algumas indústrias do Estado alemão. A ideia



era que esses trabalhadores estrangeiros ajudassem a alavancar a economia da Alemanha e, após, retornarem aos seus países de origem. Dessa forma o governo alemão atingiria seus objetivos políticos e econômicos, sem precisar integrar estrangeiros à sociedade e ao Estado.

O projeto de subsídio à trabalhadores temporários fez com que os trabalhadores estrangeiros fossem impedidos de acessarem os benefícios da cidadania, como o direito ao voto nas eleições alemãs. “Enquanto a RFA se distanciava retoricamente do antissemitismo e do nacionalismo, o etnocentrismo permanecia uma prerrogativa da política de cidadania” (*tradução livre da autora*) (Lewicki, 2018, p. 501).

Além disso, nessa ocasião, a Alemanha foi acusada de impor trabalho análogo à escravidão à mão de obra estrangeira, sob estilo nazista, uma vez que existia, de fato, uma alta carga de trabalho à ser cumprido em um curto espaço de tempo de contrato. A maior parte desses trabalhadores vinham de países socialistas na década de 1970, como o Vietnã, Moçambique, Cuba, Angola e Argélia. Além disso, as relações entre esses trabalhadores estrangeiros e a sociedade alemã, de um modo geral, eram bastante restritas. A princípio, o contato íntimo entre nacionais e estrangeiros eram dificultados. Os trabalhadores estrangeiros viviam segregados da população alemã nativa, em alojamentos próximos às fábricas e indústrias aos quais foram contratados.

O isolamento dos estrangeiros da sociedade alemã, inevitavelmente, reforçou a difusão de estereótipos negativos. Particularmente, no caso dos trabalhadores vindos de países do Oriente Médio, como a Turquia, a Tunísia, o Marrocos e a Argélia, algumas exigências como refeições sem carne de porco e o acesso à um espaço para as orações diárias eram percebidas com uma certa antipatia. Muitos desses trabalhadores eram considerados como ingratos, violentos e preguiçosos.

A transição do regime socialista ao capitalismo ocorreu de forma desproporcional entre as duas partes da Alemanha. Nesse passo houve um maior desenvolvimento econômico na parte ocidental, quando comparado ao lado oriental. O que, de fato, acirrou as diferenças sociais entre as porções populacionais dos dois lados da Alemanha. O efeito da concorrência econômica após a abertura do mercado no lado oriental resultou no aumento dos índices de desemprego, nos baixos salários e no aumento da pobreza entre a população.



O empobrecimento da população do lado oriental propiciou o ressentimento e um sentimento coletivo de depreciação populacional. Sobre o prisma dessa população, a abertura democrática trouxe, acima de tudo, um legado de humilhação e de alienação, ao mesmo tempo que renascia uma nova Alemanha.

Todo esse processo doloroso, na década de 1990, ocorreu juntamente ao aumento exponencial da imigração na Alemanha, sobretudo, em decorrência da dissolução da Iugoslávia e do desmembramento da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). A entrada de novos imigrantes na Alemanha chamou à atenção dos meios de comunicação e provocou o renascimento do ultranacionalismo alemão.

Alguns grupos ultranacionalistas e neonazistas reapareceram na cena alemã, em meados dos anos de 1990, através de inúmeros ataques aos abrigos de refugiados, sobretudo em algumas cidades, situadas na parte oriental, como o de Hoyerswerda e Rostock, em 1991 e 1992, acompanhado pelos ataques às famílias turcas nas cidades ocidentais de Mölln e Solingen, em 1992 e 1993. No premiado filme *Wir sind jung, wir sind stark* (“Nós somos jovens, nós somos fortes”), dirigido pelo cineasta alemão de origem afegã, Burhan Qurbani, é possível assistir e sentir a violência de um dos piores ataques xenófobos da história da Alemanha do pós-guerra. No dia 24 de agosto de 1992 grupos neonazistas, apoiados por grupos da sociedade civil, atearam fogo em um abrigo de requerentes de asilo, situado no bairro *Lichtenhagen*, em Rostock. Surpreendentemente não houve vítimas fatais desse ataque criminoso.





Figura 4 – Foto do abrigo para requerentes de asilo, em Rostock, atacado por neonazistas em 1992. Imagem extraída do site Wikimedia, disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Rostock-Lichtenhagen_Sonnenblumenhaus.jpg.

Além da violência racista, o filme soube retratar, com precisão, a identidade dos grupos neonazistas que atacaram o abrigo de estrangeiros, formado por um grupo de jovens desempregados e sem estudos que passavam os dias vagando pelas ruas de Rostock completamente entediados. A revolta aflora quando percebem que parte desses estrangeiros, encarnado na personagem Lien, uma vietnamita que residia no abrigo, haviam sido contratados em uma fábrica alemã.

Embora as manifestações de intolerância social na parte oriental tenham sido mais evidentes, as demonstrações de racismo e xenofobia ocorriam nos dois lados da Alemanha. Parte expressiva da população alemã considerava, tanto os imigrantes como os trabalhadores estrangeiros temporários, como potenciais concorrentes no mercado de trabalho. “Sessenta por cento dos residentes na parte oriental e ocidental, no entanto, concordaram que “os estrangeiros deveriam ajustar seu estilo de vida mais ao modo de vida alemão” (*tradução livre da autora*) (Lewicki, 2018, p. 505).



Nesse passo, o PEGIDA surge em 2014 através da manipulação intencional da memória histórica, como a reunificação da Alemanha em 1990 e a Reforma Protestante em 1517, em vias de mobilização no tempo presente. Para isso, os ativistas do PEGIDA acessam símbolos, *slogans* e bandeiras celebradas em datas importantes do calendário alemão. O uso da memória é uma estratégia política a fim de atrair mais simpatizantes à causa e, da mesma forma, para ressaltar as diferenças entre as pessoas de bem e àqueles que apoiam uma “elite corrupta” que governa a Alemanha. Os apoiadores do PEGIDA se definem como os verdadeiros defensores da democracia, enquanto seus opositores são comumente classificados de “inimigos da democracia”, “esquerdistas totalitários”, geralmente formado por partidos políticos de esquerda, por militantes antifascistas e por extremistas islâmicos.

Os militantes do PEGIDA acreditam que fazem parte de um movimento de vanguarda na Europa contra o *establishment* político global. De modo ainda mais controverso, muitos ativistas do PEGIDA costumam promover uma reinterpretação do Nazismo, enquanto uma ideologia de esquerda. Segundo a pesquisadora do Instituto de Estudos Europeus da Universidade de Cracóvia, Sabine Volk (2022), “o ativista Lutz Bachmann justificou repetidamente essa reinterpretação apontando para as noções de “socialismo” e “trabalhador” na nomenclatura do Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães (NSDAP)”. (*Tradução livre da autora*) (p. 10).

A memória mais acessada nas manifestações do PEGIDA é a da Revolução Pacifista de 1989, iniciada na cidade de Leipzig, na região da Saxônia, no lado da Alemanha Oriental. Assim como em Leipzig, em Dresden, as manifestações ocorriam as segundas-feiras.

Além da Revolução Pacifista, pela reabertura da Alemanha em 1989, foi no lado oriental que ocorreu a Reforma Protestante, liderada por Martinho Lutero em 1517. A memória sobre a Reforma Luterana, do mesmo modo, é amplamente acessada pelos manifestantes do PEGIDA, no presente.



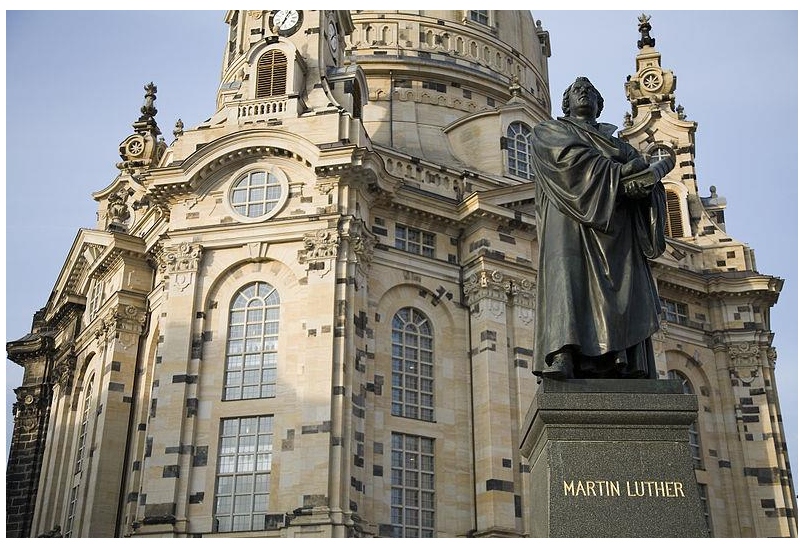


Figura 5 – Monumento em homenagem à Martinho Lutero, situado próximo à estação central de *Dresden*, palco das atuais manifestações do PEGIDA. Imagem extraída do site Wikimedia, disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Dresden_-_Statue_of_Martin_Luther_-_2274.jpg.

As atuais manifestações do PEGIDA costumam ocorrer próximo à estação central de Dresden, local próximo à uma estátua de Martinho Lutero. Mesmo local onde aconteciam as manifestações pela reabertura da Alemanha, todas as segundas-feiras, em 1989. Entretanto e, diferentemente das duas manifestações históricas, o atual movimento PEGIDA detém um apelo mais populista, baseado no que é definido como um movimento de resistência democrática contra um suposto “regime ditatorial de Angela Merkel” que, segundo eles, se apropriou da estrutura socialista e autoritária do passado, traduzida pela “imposição” ao multiculturalismo através do acolhimento de imigrantes e refugiados, entre eles muçulmanos, que ameaçam a identidade cristã e ocidental da Alemanha unificada.

3. NACIONALISMO E ISLAMOFOBIA PÓS 11 DE SETEMBRO

Os ataques terroristas de 11 de setembro de 2001 em Nova Iorque acarretaram mudanças na política migratória dos Estados Unidos, da Alemanha e de muitos outros países ocidentais. Nessa ocasião, muitos países reformularam as condições de entrada de comunidades estrangeiras. Na Alemanha, a imigração passou a estar condicionada à cursos mandatórios sobre o processo de integração e à aquisição da cidadania, além de exames mais exigentes para o processo de naturalização.



Desde então, assistiu-se uma contínua demonização de um inimigo desconhecido no ocidente, ao qual, de acordo com Edward Said (2008), “a etiqueta terrorista serviu ao propósito geral de manter as pessoas mobilizadas e enraivecidas” (p.22). Em consequência desse contexto, houve um salto significativo na quantidade de ataques racistas à comunidade muçulmana da Alemanha, notadamente, aos residentes das cidades situadas no lado oriental. Somente no ano de 2017, de acordo com dados do Ministério do Interior da Alemanha, houve ao menos 950 ataques anti-Islâmicos. Esses ataques incluem agressões físicas contra muçulmanos, especialmente contra mulheres de Hijab (véu Islâmico); mensagens contendo ameaças; discurso de ódio na internet e, vandalização de mesquitas e centros islâmicos (DW, 2018).

Durante o período conhecido como a “crise dos refugiados” na Europa, em decorrência da guerra civil na Síria, entre os anos de 2015 e 2016, a polarização social em torno do apoio e da desaprovação à entrada de refugiados sírios na Alemanha foi intensificada. Nessa ocasião, a então chanceler alemã, Angela Merkel, suspendeu temporariamente os Acordos de Dublin e autorizou o acolhimento imediato de cerca de 800.000 refugiados sírios.

Os Acordos de Dublin têm como objetivo impedir que os candidatos à refúgio e asilo político requeiram asilo em muitos países da UE, ao mesmo tempo. De acordo com esses acordos, os requerentes deverão aplicar os pedidos de refúgio e asilo no primeiro país membro da UE que entrarem. Ocorre que durante o auge da crise dos refugiados, em 2015 e 2016, alguns países europeus de fronteira, como Grécia, Itália, Polônia e Hungria, sentiram-se altamente pressionados com a enorme quantidade de migrantes e refugiados em suas fronteiras.

Foi nesse passo que a chanceler alemã decidiu, aliviar a pressão de alguns países de fronteiras, que se negavam a receber migrantes e refugiados muçulmanos e, assim, autorizar milhares de refugiados, que esperavam na zona de fronteira da UE, a se direcionarem diretamente à Alemanha. Essa medida causou a fúria de setores populistas de extrema-direita alemã.

Como esperado, a iniciativa de Merkel gerou muitos protestos nas esferas supremacistas e ultranacionalistas da Alemanha. As manifestações contra a entrada de refugiados sírios tornaram-se ainda mais eloquentes, sobretudo após a repercussão das ações criminosas durante a festa do Ano Novo, na cidade de Colônia, em 2016. Durante as festividades, um grupo de cerca de mil homens agiram de forma coordenada para assediar e roubar mulheres alemãs nas proximidades



da estação principal da cidade. Na ocasião, algumas testemunhas alegaram que os suspeitos não falavam alemão e tinham procedência árabe e\ou do Norte da África.

As tensões contra a política migratória da Alemanha foram intensificadas sobretudo contra a então prefeita de Colônia, Henriette Reker, que, no fim de 2015, protagonizou manchetes ao redor do mundo depois de ser apunhalada no pescoço por um militante ultranacionalista após defender publicamente a entrada de refugiados sírios na Alemanha. É importante ressaltar que, nessa ocasião, o atentado contra Reker não foi um ato de violência isolado na Alemanha. Ainda, em outubro de 2015, a procuradoria da cidade de Dresden recebeu ameaças de morte após anunciar a decisão de investigar a exibição de forcas durante uma manifestação do PEGIDA, nas quais se liam os nomes de Angela Merkel e de seu vice-chanceler, Sigmar Gabriel (DW, 2019).



Figura 6 – Foto de um dos protestos do PEGIDA, em Dresden, em que é possível se deparar com o tom agressivo da manifestação. Imagem extraída do site Wikimedia, disponível em:

https://commons.wikimedia.org/wiki/File:PEGIDA_Demonstration_Dresden_2015-03-23_16741539780_481a3dd066_o.jpg.

O aumento gradual à oposição à política migratória adotada por Merkel, impulsionou o partido político de extrema-direita, Alternativa para a Alemanha (AfD) a conquistar muitos votos e a passar a ser considerado como a terceira maior força política no parlamento alemão, o Bundestag. Na mesma medida, as manifestações contra os refugiados e anti-muçulmanos



aumentaram vertiginosamente por todo o país. Em 2016, “200 dessas manifestações foram registradas pelas autoridades. Destas manifestações, inspiradas no PEGIDA, oitenta ocorreram nas regiões ocidentais, sessenta foram organizados na parte oriental e sessenta foram realizados em Berlin. Juntamente com as manifestações do PEGIDA em Dresden, isso dá uma média de cinco protestos por semana em toda a Alemanha” (tradução livre da autora) (Lewicki, 2018, p. 509).

Ainda dentro desse contexto, em uma aparição pública na cidade de Berlin, Angela Merkel, aceitou posar em uma selfie junto à um jovem refugiado sírio. A imagem imediatamente viralizou nas redes sociais gerando mais revolta por parte de muitos usuários integrantes e simpatizantes de grupos ultranacionalistas, como o PEGIDA. A imagem original foi também propositadamente manipulada a fim de associar o jovem Anas Modamani à um dos terroristas responsáveis pelos ataques em Bruxelas, na Bélgica, e em um mercado de Natal na cidade de Berlin em 2016 (New York Times, 2017). Dessa forma, muitos usuários das redes sociais, como o Facebook e o Twitter, foram impactados com o que seria uma foto da chanceler alemã com um terrorista.

O que ocasionou mais manifestações de agressividade contra a população muçulmana, formada por imigrantes e cidadãos alemães, e, contra autoridades, partidos políticos, movimentos sociais e grupos identitários, apoiadores do governo alemão, sobretudo, ativistas de uma agenda humanista, antirracista, em prol do acolhimento de pessoas em situação de refúgio de guerra, conflitos e de perseguições políticas e religiosas. O aumento das hostilidades particularmente, em decorrência da presença crescente do Islã e de muçulmanos no cenário alemão, tornou os projetos políticos de coexistência pacífica praticamente irrealizáveis. A possibilidade de convívio entre nacionais e estrangeiros à primeira vista, parecia improvável.



4. REFUGEE WELCOME! POR UMA ALEMANHA DIFERENTE



Figura 7 – Movimento *Refugee Welcome!* na Alemanha em março de 2016. Imagem extraída do site Wikimedia, disponível em:

https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Wien_-_Demo_Fl%C3%BCchtlinge_willkommen_-_am_Schottenring.jpg.

Contrariando todas as manifestações supremacistas, em oposição à entrada de migrantes e refugiados na Alemanha, em julho de 2016, o governo alemão aprovou uma lei nacional de integração social de milhares de migrantes, asilados e refugiados. O texto legislativo contém uma série de benefícios aos novos requerentes, assim como algumas medidas punitivas. A lei é considerada uma resposta a entrada de cerca de um milhão de refugiados em território alemão entre os anos de 2015 e 2016. Foi nesse período, que o Estado alemão se organizou, em caráter de urgência, e implementou algumas políticas públicas para facilitar a integração de milhares de estrangeiros residentes na Alemanha.

A Alemanha, governo e sociedade, compreendem bem os custos advindos de uma provável não integração social de migrantes e refugiados de origens tão diversas. A não integração pode acarretar um clima de hostilidades e, invariavelmente, uma perda potencial humana e econômica diante da falta de coesão e de estabilidade social.

Nesses últimos anos, as políticas públicas destinadas ao asilo político e ao refúgio sofreram alterações importantes a fim de beneficiar milhares de novos deslocados. De acordo com o relatório *In it for the long run: Integration lessons from a changing Germany* (2016), em 2014, o governo alemão diminuiu o prazo de espera para a aquisição de permissão para o trabalho, de 9



meses para 3 meses. A nova lei de integração de 2016 facilitou o acesso de migrantes e refugiados ao mercado de trabalho e aos cursos técnicos profissionalizantes. Desse modo, o até então tratamento especial voltado aos cidadãos residentes da União Europeia foi suspenso, em algumas regiões da Alemanha, em vistas à criação e ao preenchimento de vagas de trabalho ociosas, por refugiados e migrantes, para que possam, enfim, se integrarem rapidamente à economia e, consequentemente, à sociedade alemã, europeia e ocidental.

Por outra parte, no âmbito da educação de crianças e adolescentes de origem migrante algumas reformas no sistema educacional alemão foram implementadas. Entre milhares de crianças e adolescentes refugiadas em solo alemão foi constatado baixo rendimento escolar quando comparado às crianças e adolescentes nativos. Na Alemanha, de acordo com Jéssica Bither e Astrid Ziebarth (2016) existem cerca de 33,7% de crianças e adolescentes de origem migrante, menores de 15 anos de idade, que enfrentam diariamente uma série de dificuldades no sistema educacional alemão. Algumas estatísticas apontam que a maioria das crianças e adolescentes migrantes frequentam menos as escolas que as crianças e os adolescentes nativos. Isso consequentemente é refletido na baixa inserção de jovens migrantes no ensino superior alemão. Além disso, crianças e adolescentes migrantes matriculados nas escolas apresentam os piores desempenhos em algumas disciplinas básicas como redação, matemática e ciências sociais.

Possivelmente, o baixo desempenho escolar ocorre em face ao status socioeconômico dos pais e avós de crianças e adolescentes migrantes e refugiados. Ainda, é importante ressaltar que “nas grandes cidades da Alemanha, quase 70% das crianças de origem migrante frequentam escolas onde as crianças sem origem migrante, não são a maioria. 41% dessas crianças de escolas primárias vão para essas escolas “segregadas” (tradução livre da autora) (Bither & Ziebarth, 2016, p. 14).

Atualmente, crianças e adolescentes migrantes e refugiadas na Alemanha são obrigadas a passarem por um atendimento escolar individualizado. Assim que entram na Alemanha iniciam um curso preparatório para integração na sociedade alemã, que inclui o ensino da língua e da cultura alemã, juntamente as disciplinas do currículo básico escolar. O plano inicial é integrar todas as crianças e os adolescentes recém-chegados dentro de um prazo de um ano.



Contudo, diante da enorme diversidade cultural e socioeconômica de crianças e adolescentes não é possível obter um modelo único pré-estabelecido direcionado à integração social e escolar. O que existe, de fato, é um consenso político sobre a necessidade da integração social e educacional. Durante o período denominado de “crise dos refugiados” (2015-2016), cerca de 12.000 novos professores foram contratados para atuarem na integração social de milhares de crianças e adolescentes migrantes. Parte deles são professores aposentados que se prontificaram a ajudar nesse processo (Bither & Ziebarth, 2016, p.14).

No que tange a integração social no espaço geográfico, há uma preocupação persistente em se evitar a formação de guetos de migrantes nas grandes cidades alemãs. Políticos e ativistas favoráveis ao acolhimento de refugiados defendem que migrantes e refugiados sejam livres para escolher onde pretendem morar. A acomodação de migrantes e refugiados trabalhadores devem estar situadas próximo aos grandes centros econômicos e de serviços. O preenchimento de vagas ociosas do mercado de trabalho alemão por mãos de obra, mais ou menos qualificadas, traz inúmeros benefícios à economia e à integração social de milhares de pessoas. Do mesmo modo, migrantes e refugiados são livres para acessarem ao network de sua própria comunidade migrante se assim desejarem.

Em outubro de 2015, a programação do evento denominado Program Experimental Housing and Urban Development (ExwoST) incluiu como temática o acolhimento de migrantes e refugiados nas áreas urbanas de algumas cidades alemãs e assim possibilitar uma maior conexão ao mercado de trabalho e aos serviços básicos de saúde e educação. O programa de assentamento de migrantes e refugiados na Alemanha inclusive foi tema da 15th International Architecture Exhibition 2016 em Veneza, na Itália. A contribuição alemã à Biennale levou o título “Making Heimat. Germany, Arrival Country”. A proposta baseou-se nas iniciativas capazes de tornar uma cidade mais atrativa e menos hostil à entrada estrangeira.

Mais tarde, em janeiro de 2020, uma coalizão de representantes políticos de várias cidades alemãs, como Potsdam, Düsseldorf, Bonn e Colônia, exigiu que o governo alemão permitisse acolher migrantes resgatados no mar Mediterrâneo e, assim, reavivar as condições da política migratória da Alemanha (DW, 2020).



A iniciativa denominada de Cidades de Portos Seguros ter por objetivo fazer com que as cidades alemãs envolvidas, possam requerer permissões especiais para o acolhimento imediato de refugiados resgatados no mar Mediterrâneo e de refugiados que se encontram detidos em campos de refugiados da Grécia, Itália e de outros países. De acordo com a reportagem publicada no site DW, em janeiro de 2020, representantes dessa coalisão de prefeitos solicitaram que o governo da Alemanha acionasse imediatamente a seção 23, parágrafo 1º da Lei Alemã de Residência, dispositivo que permite “a distribuição imediata de vistos de residência por questões humanitárias, sem a necessidade de acrobacias legislativas”.

O incentivo ao acolhimento de migrantes e refugiados tornou-se uma necessidade diante de pesquisas e análises que apontam a população alemã como uma das que mais envelhecem e diminuem da Europa. “Segundo a Comissão Europeia, em 2060, o país terá 10 milhões de pessoas a menos, ou seja, encolherá de 81,3 milhões para 70,8 milhões de habitantes”. Isso significa que, por ano, quase 50 mil postos de trabalho ficam vagos, pela simples falta de gente para preenchê-los (DW, 2020). Nesse sentido, se a Alemanha quer, de fato, manter-se como uma potência econômica, precisará de trabalhadores e de imigrantes que possam ajudar o crescimento econômico.

Além disso, o acolhimento de migrantes e refugiados de guerras e conflitos ajuda a exorcizar o passado nazista da Alemanha responsável pelo deslocamento de milhões de seres humanos. Estima-se que, durante o período de combates da Segunda Guerra Mundial, alguns países como a Polônia, Tchecoslováquia e União Soviética deportaram mais de 14 milhões de alemães. Atualmente, em algumas localidades da Europa como em alguns campos de refugiados, ilhas gregas e estações ferroviárias, é possível encontrar muitos migrantes e refugiados do Oriente Médio e da África amontoados, sem quaisquer tipos de assistência médica e humanitária. Locais que mais se assemelham aos campos de concentração nazista do passado.

As políticas públicas de acolhimento e integração de migrantes e refugiados na Alemanha, do mesmo modo, propõe uma reflexão acerca de algumas posturas sociais diante da entrada de migrantes e refugiados de guerras, conflitos e da miséria. Em muitos cenários, migrantes e refugiados não trazem crises, mas, sim, soluções sociais e econômicas para o Estado de acolhimento. Muitas experiências comprovam que quanto mais plural e integrada é uma



sociedade, menor será o grau de intolerância e de racismo nas esferas políticas, sociais e intelectuais.

5. CONCLUSÃO

O aparecimento do PEGIDA na cena política alemã nos últimos anos, mais precisamente em uma cidade situada no Leste, Dresden, traz consigo alguns sintomas traumáticos de um passado permeado de muita humilhação e ressentimentos. De um modo geral, a nova direita populista, que surgiu na porção oriental da Europa, tende a ser muito mais nacionalista e, portanto, mais resistente à ideia de integração europeia e de integração migratória, quando comparada à Europa ocidental. Isso tem a ver, de fato, com a experiência de viverem durante muitos anos sob controle estrangeiro.

O ressentimento atinge, em particular, setores da classe média, o mesmo perfil dos ativistas do PEGIDA, que temem perder empregos, rendas e a identidade cultural com o advento da globalização. Muitos ativistas populistas de direita, em especial os ativistas do PEGIDA, se consideram afetados por vários tipos de competição trazidas, sobretudo, pela abertura de fronteiras.

Por isso, o PEGIDA adota uma agenda anti-imigração e, principalmente, anti-imigração de muçulmanos. O teor islamofóbico reflete a aversão à um determinado tipo de imigrante, o muçulmano, considerado por eles como a principal ameaça ao “povo” alemão e europeu, definido, por setores populistas, através de uma ideia de homogeneidade.

Os ativistas do PEGIDA, de um modo geral, acreditam na existência de uma “vontade popular” unificada e homogênea e, conseqüentemente, antipluralista. Ainda, consideram os políticos, sobretudo os da situação, como parte de uma “elite corrupta”, movida pelos próprios interesses e incapazes de ouvir com atenção aos anseios populares por mudanças políticas, sobretudo mudanças em relação às políticas migratórias que geraram, nos últimos anos, muito insatisfação na Alemanha.

A ascensão populista de extrema-direita coincide com o fortalecimento de partidos antiestablishment, como o partido Alternativa para a Alemanha (AfD). Entre os anos de 2015 e



2016 os partidos políticos tradicionais, como a União Democrata Cristã (CDU) e a sua versão bávara União Social Cristã (CSU), perderam eleitores para o partido extremista AfD.

Os riscos diante da aversão ao pluralismo são considerados preocupantes. A política é um processo pelo qual os cidadãos debatem e negociam ideias e soluções. No entanto, o que ocorre nas manifestações do PEGIDA são demonstrações de uma antipolítica, retratadas por um embate de “nós” contra “eles”. O que torna a situação bastante problemática na Alemanha.

A Alemanha está na lista das 6 nações que mais recebem refugiados no mundo, é o único país desenvolvido que acolheu, em grande medida, muitos refugiados da guerra da Síria e de outros conflitos e perseguições políticas e religiosas. Por isso, as políticas públicas fomentadas para a integração estrangeira são fundamentais para a inserção econômica, para a vida em sociedade e, da mesma forma, para o fortalecimento do humanismo. Contudo, há necessidade de mais diálogos e debates públicos acerca da política migratória na Alemanha, com a participação efetiva de todas as esferas da sociedade.

O humanismo, descrito por Edward Said em *Orientalismo* (2008) é a única possibilidade de resistência “contra práticas desumanas que desfiguram a história humana” (p. 26) e, particularmente a história dos povos árabes, persas e, turcos muçulmanos. Em uma Alemanha cada vez mais multicultural, o convívio e a proximidade ante a diversidade social, tende a enfraquecer os partidos políticos, grupos e movimentos populistas de extrema direita. A expectativa é que grupos supremacistas, como o PEGIDA, desapareçam, aos poucos, do cenário alemão, conforme as políticas públicas de integração econômica, cultural e social avançam no cenário político e social de uma Alemanha mais plural e, acima de tudo, mais humanista.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Alemanha registrou 950 ataques anti-islâmicos em 2017 (2018). DW. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/alemanha-registrou-950-ataques-anti-isl%C3%A2micos-em-2017/a-42814431>.

Bither, J.; Ziebarth, A. (2016). “In it for the long run: Integration lessons from a changing Germany”. *Integration Strategy Group*, pp. 3-23.



Bonikowski, B. (2016). "Three Lessons of Contemporary Populism in Europe and the United States". *Brown Journal of World Affairs*, vol. XXIII (I), pp. 9-24.

Davis, A. (2020). Cidades alemãs pedem para acolher mais refugiados. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/cidades-alem%C3%A3s-pedem-para-acolher-mais-refugiados/a-52003282>. (Acesso no dia 15 de maio de 2022)

Dostal, J. M. (2015). "The PEGIDA movement and German political culture: Is right-wing here to stay?", *The Political Quarterly*, 86 (4), pp. 523-531.

Eddy, M. (2017). Selfie with Merkel by refugee became a legal case, but Facebook won German court. New York Times. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2017/03/07/business/germany-facebook-refugee-selfie-merkel.html>. (Acesso no dia 15 de maio de 2022)

Filme - *Nós Somos Jovens. Nós Somos Fortes (Wir sind jung. Wir sind stark)*, dirigido pelo cineasta Burhan Qurbani em 2014, disponível na plataforma Netflix:

<https://www.youtube.com/watch?v=gVV5tujO4DA>.

Inteligência alemã classifica PEGIDA como inconstitucional (2021). Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/intelig%C3%Aancia-alem%C3%A3-classifica-pegida-como-extremista-e-inconstitucional/a-57467432>. (Acesso no dia 15 de maio de 2022)

Hanselka, J.; Schmidt, I. (2017). "Dynamics of cyber hate in social media: A comparative analysis of anti-Muslim movements in Czech Republic and Germany". *International Journal of Cyber Criminology*, 11 (1), pp. 143-160.

Kriesi H. (2018). "Revisiting the populist challenge". *Politologicky Časopis-Czech J. Political Science* (25) pp. 5-27.

Lewicki, A. (2018). "Race, Islamophobia and the politics of citizenship in post-unification Germany". *Patterns of Prejudice*, 52 (5), pp. 496-512.



Machado, J. (2016). Líder de movimento islamofóbico alemão é julgado por incitação ao ódio.

Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2016/04/1762617-lider-de-movimento-islamofobico-sera-julgado-por-incitacao-ao-odio.shtml>. (Acesso no dia 15 de maio de 2022).

Mudde, C. (2007). *Populist Radical Right Parties in Europe*. Cambridge, UK: Cambridge University Press.

Noury, A.; Roland, G. (2020). "Identity Politics and Populism in Europe". *Annual Review of Political Science*, 23, pp. 421-439.

Said, E. W. (2008). *Orientalismo – O Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia de Bolso.

Teixeira, C. V. (2019). 30 anos após a queda do muro de Berlin, aumenta o racismo na Alemanha.

Disponível em: <https://www.dw.com/pt-002/30-anos-ap%C3%B3s-a-queda-do-muro-de-berlim-aumenta-o-racismo-na-alemanha/a-51140813>. (Acesso no dia 15 de maio de 2022).

Volk, S. (2022). "Resisting "leftist dictatorship"? Memory politics and collective action framing in populist far-right street protest". *European Politics and Society*, pp. 1-18.

Vorländer, H.; Herold, M.; Schaller, S. (2018). *PEGIDA and New Right-Wing Populism in Germany*. Dresden: Palgrave Macmillan.

